

LIVRO VERMELHO DOS
MAMÍFEROS
DE PORTUGAL CONTINENTAL

LIVRO VERMELHO DOS
MAMÍFEROS
DE PORTUGAL CONTINENTAL

Para efeitos bibliográficos, este livro deve ser citado da seguinte forma:

Mathias ML (coord.), Fonseca C, Rodrigues L, Grilo C, Lopes-Fernandes M, Palmeirim JM, Santos-Reis M, Alves PC, Cabral JA, Ferreira M, Mira A, Eira C, Negrões N, Paupério J, Pita R, Rainho A, Rosalino LM, Tapisso JT & Vingada J (eds.) (2023). *Livro Vermelho dos Mamíferos de Portugal Continental*. FCIências.ID, ICNF, Lisboa.

A citação de cada capítulo deve seguir os termos da referência bibliográfica disponível no final do respectivo capítulo. A título de exemplo, esta citação deve obedecer ao seguinte formato base:

Santos-Reis M, Mira A & Lopes-Fernandes M (2023). *Mustela putorius* toirão. In Mathias ML (coord.), Fonseca C, Rodrigues L, Grilo C, Lopes-Fernandes M, Palmeirim JM, Santos-Reis M, Alves PC, Cabral JA, Ferreira M, Mira A, Eira C, Negrões N, Paupério J, Pita R, Rainho A, Rosalino LM, Tapisso JT & Vingada J (eds.): *Livro Vermelho dos Mamíferos de Portugal Continental*. FCIências.ID, ICNF, Lisboa.

Apoio financeiro, beneficiários e parceiros

Este projeto é co-financiado pelo PO SEUR (POSEUR-03-2215-FC-000097), Portugal 2020, União Europeia – Fundo de Coesão e pelo Fundo Ambiental.

Teve como beneficiário a FCIências.ID – Associação para a Investigação e Desenvolvimento de Ciências e como parceiro o ICNF – Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas.

A coordenação técnico-científica ficou a cargo do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Centro de Ecologia, Evolução e Alterações Ambientais (cE3c) da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa e do Instituto da Conservação da Natureza e Florestas (ICNF), e contou como parceiros de execução com a Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), Universidade de Aveiro (UA), Universidade de Évora (UE), ICETA – Instituto de Ciências, Tecnologias Agrárias e Agroambiente da Universidade do Porto (CIBIO-InBIO) e Mesocosmo – Consultoria, Tecnologia e Serviços Científicos, Unipessoal Lda.

Consulta e download da publicação em:

<https://livrovermelhodosmamiferos.pt>

Cofinanciado por:



Beneficiário:



Parceiro:



Entidades participantes:



Lepus granatensis

Rosenhauer, 1856

Lebre-ibérica, Lebre

Taxonomia

Lagomorpha, Leporidae

Ocorrência

Residente – Res

Categoria

VULNERÁVEL – VU (A2b; A3b; A4b)

Fundamentação: Declínio entre 50 e 69 % no número de indivíduos maduros nos últimos 10 anos. A população reprodutora deverá ser capaz de resgatar a população regional, reduzindo a probabilidade de extinção.

Distribuição

Global: Espécie endêmica da Península Ibérica, ocorrendo em toda a Península, à exceção da zona nordeste, e na ilha de Maiorca. Foi introduzida na zona de Nimes, no sul de França (Alves *et al.* 2002), permanecendo a população introduzida restringida a esta área.

Portugal: Está presente em todo o território continental, sendo mais comum a sul do Tejo. É rara na parte ocidental das regiões centro e norte, particularmente a norte do Douro. Tem uma área de ocupação superior a 2500 km² (Pita *et al.* 2021)

População e Tendência

População: Efetivo populacional com oscilações nos últimos 10 anos (ICNF s/d; Prenda *et al.* 2022). Desde 2018 verifica-se um declínio acentuado e continuado, devido a um surto de mixomatose. O vírus “saltou” entre espécies, de coelhos para lebres. (Hernández *et al.* 2022, Prenda *et al.* 2022). A doença hemorrágica viral (RHD) e a sua nova variante (RHD2) parecem não afetar as populações de lebre-ibérica (Lopes *et al.* 2014, Duarte *et al.* 2021a). O declínio é bem perceptível no número de animais caçados e atropelados em Portugal que decresceu, em três anos, 68 e 53 %, respetivamente (LIFE LINES – UE/IP, 2022, ICNF s/d). É desconhecida a capacidade de recuperação da espécie face à ameaça da mixomatose. Contudo, dado o número atual estimado de indivíduos maduros ser superior a 12 500

(Pita *et al.* 2021, Duarte *et al.* 2021b) e as recuperações observadas anteriormente em Espanha após colapsos populacionais (Prenda *et al.* 2022), considera-se que a população poderá recuperar. O tempo geracional estimado é de cerca de 3 anos (Pacifi *et al.* 2013). Contudo, em Portugal, devido à exploração cinegética, este tempo poderá ser substancialmente menor. As lebres são solitárias e abrigam-se em depressões que escavam no terreno, não construindo tocas. Ao contrário das outras espécies de lebre na Europa, reproduz-se durante todo o ano, embora com picos na primavera, sendo o tamanho médio da ninhada de 1,6 crias (Alves *et al.* 2002, Duarte 2021a). A maturidade sexual ocorre entre os 4 e os 5 meses (Duarte *et al.* 2021a).

Tendência: Declínio.

Habitat e Ecologia

Tem preferência por áreas abertas incluindo pastagens naturais e artificiais, olivais, vinhas, montados e zonas de mosaico com pastagens/campos agrícolas intercalados com zonas florestais. A homogeneização da paisagem decorrente da instalação de monoculturas intensivas, sobretudo no sul de Portugal, com eliminação de sebes e zonas marginais, é desfavorável para a sua ocorrência (Farfán *et al.* 2012).



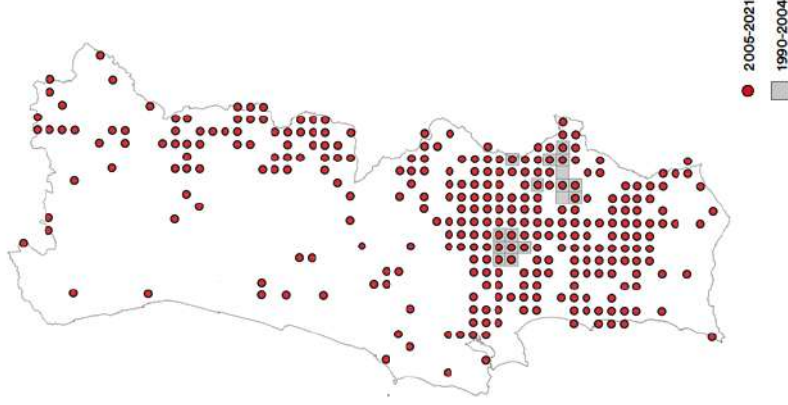
Lepus granatensis Elacinto Román

Fatores de Ameaça

As principais ameaças são as doenças virais, nomeadamente a mixomatose, e a perda de habitat pela transformação da paisagem devida à intensificação agrícola, instalação de florestas extensivas de produção e aumento dos espaços florestais por abandono agrícola. A caça excessiva e a mortalidade por atropelamento também contribuem para o declínio (Duarte *et al.* 2021a, Duarte *et al.* 2021b). Poderá ser presa alternativa ao coelho nas áreas onde este decresceu, o que incrementará a mortalidade por predação (Duarte *et al.* 2021a). O aumento de javali, impacta negativamente as suas populações pela predação de juvenis (Duarte *et al.* 2021a). As alterações climáticas previstas para a Península poderão beneficiar a expansão da lebre para novas áreas fora da sua área de distribuição atual e, portanto, não constituem uma ameaça direta para a espécie (Acevedo *et al.* 2012).

Medidas de Conservação

A monitorização a longo prazo do estado sanitário e da tendência populacional, à escala nacional, é um requisito fundamental para conhecer a real situação da lebre. Os principais esforços de conservação deverão concentrar-se no combate à mixomatose e na promoção de paisagens em mosaico com pastagens, terrenos agrícolas, matos abertos e florestas, evitando as grandes extensões de monoculturas. Nestas, deverão manter-se ou recuperar-se os elementos singulares e habitats marginais (p. ex. sebes, linhas de escorrência). O controlo do javali e a implementação de medidas mitigadoras dos atropelamentos são importantes para reduzir a mortalidade caso se observe um impacto nas suas populações. Nalgumas zonas deverão ser equacionadas restrições à exploração cinegética por uma redução do número de animais abatidos e/ou ajuste do período de caça.



Legenda do Mapa
Ocorrências confirmadas de lebre-ibérica *Lepus granatensis* em Portugal Continental nos períodos entre 1990 e 2004 e entre 2005 e 2021.

Citação recomendada desta ficha e avaliação:
Mira A, Santos AM & Alves PC (2023). *Lepus granatensis* lebre-ibérica. In Mathias ML (coord.), Fonseca C, Rodrigues L, Grilo C, Lopes-Fernandes M, Palmeirim JM, Santos-Reis M, Alves PC, Cabral JA, Ferreira M, Mira A, Eira C, Negrões N, Paupério J, Pita R, Rainho A, Rosalino LM, Tapisso JT & Vingada J (eds.): *Livro Vermelho dos Mamíferos de Portugal Continental*. FCIências.ID, ICNF, Lisboa.